

## A FILA COMO RITUAL ESCOLAR: FORMA REAL DE ORGANIZAR OU ALIENAR?<sup>1</sup>



É comum nos depararmos com as famosas filas nas instituições de Educação Infantil. Com diferentes nomenclaturas (trenzinho, centopeia, ônibus, entre outras) a fila aparece nos mais diversos momentos da rotina das instituições, sendo justificada pelos professores como uma forma prática de organização.

Todavia, essa “organização” é questionável e muito preocupante, no que diz respeito à utilização da fila durante os momentos de locomoção das crianças de um espaço para o outro: quando saem da sala de aula para o refeitório; quando saem do parque para a sala; quando precisam levar as crianças ao banheiro, enfim, a fila passa a ser mais uma ação da rotina institucional, seguida inquestionavelmente como um ritual escolar.

Ao lançar o tema em um *site* de busca da internet, foi possível encontrar várias sugestões equivocadas de atividades a serem desenvolvidas com as crianças, visando ensiná-las a andar em fila. Algumas aparecem com dicas de músicas para este momento, buscando aparentar ludicidade enquanto as crianças seguem passivas e robotizadas.

Outros *sites* vão além, orientando os professores a propor filas e ensinando a “melhor” maneira de inculcar nas crianças essa prática. Para isso, propõem utilizar as regras de convivência de forma descontextualizada e sem sentido para as crianças, como podemos exemplificar por meio das imagens a seguir:



Entretanto, qual o papel da fila no contexto escolar? Para Dalmédico (2007), a fila faz parte dos rituais escolares adotados pelos professores há muito tempo, cujo objetivo era de fazer com que as ordens fossem respeitadas e cumpridas pelas crianças, tomando a proporção de algo divino e inquestionável. Além disso,

[...] outra característica que torna os rituais inquestionáveis é a supersantificação, ou seja, os sujeitos seguem as regras quase que mecanicamente e sem questionamentos, pois os alunos

<sup>1</sup> Texto elaborado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Mara Miranda Rodrigues e revisado pela equipe técnica da Gerência de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação. Campo Grande – MS, setembro/2017.

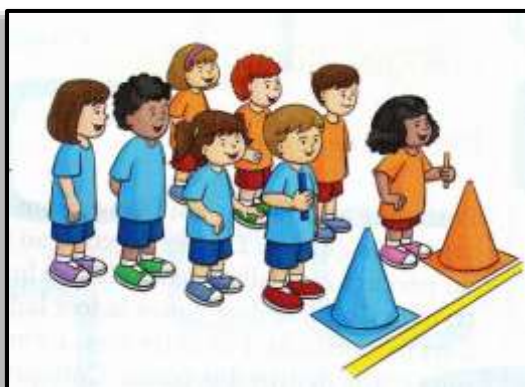
não têm oportunidade de refletir sobre o que lhes é solicitado. (DALMÉDICO, 2007, p. 13).

Cortella (2009) contribui com o diálogo ao enfatizar que a fila no contexto escolar perpetua preconceitos e discriminações, uma vez que pode promover um padrão sexista de comportamento. Visando confirmar esta questão, o autor exemplifica:

A professora, para ajeitar a entrada em sala dos alunos e alunas de Educação Infantil, manda que formem duas filas: *meninas de um lado, meninos do outro*. Todavia, a função de uma fila é organizar e não, necessariamente, separar por sexo; ninguém vai ao mercado, ao banco ou ao cinema e tem uma fila para as mulheres e outra só para os homens<sup>2</sup>. Sem pensar, a educadora está promovendo um padrão sexista de comportamento. (CORTELLA, 2009, p.122. Grifo do autor).

A partir dessas discussões, é importante entendermos em que contexto a fila vem sendo utilizada nas instituições que atendem a primeira infância. Como ela está sendo estruturada? Qual o objetivo do adulto quando propõe uma fila? Estas e outras questões precisam ser repensadas ao propormos filas para as crianças de nossas unidades educacionais.

Ao pararmos para refletir nas situações cotidianas, em várias ocasiões ficamos em fila: fila do banco; fila da lotérica; fila do açougue; fila para exercer o direito democrático de escolha de governantes; fila para servir o almoço no *self service*, entre outros. O que podemos perceber nesses exemplos citados é que a fila tem um propósito de organização, de ordem. É preciso esperar a sua vez em respeito ao outro que chegou antes.



Neste viés, ao nos reportamos para o ambiente escolar, podemos dizer que muitas vezes a fila é uma estratégia para organização do grupo durante uma brincadeira de arremesso, por exemplo, onde é preciso ensinar as crianças a esperar por sua vez de jogar. Nessa ocasião, a fila se justifica por ser um modo democrático de garantir que todos participem da brincadeira.

Contudo, quando a fila é feita exclusivamente para locomover as crianças de um lado para o outro, ela perde a sua função de organizar e passa a ser vista como uma forma de alienação, de controle corporal, um ato mecânico. Essa prática de estruturar a fila é recorrente na Educação Infantil e nesse sentido denota uma atuação limitante e adultocêntrica, conforme podemos perceber nas imagens<sup>3</sup> a seguir:

<sup>2</sup> Cortella (2009) destaca que esse tipo de fila só existe (por “coincidência”) em escolas, penitenciárias e hospícios.

<sup>3</sup> Imagens de domínio público, disponíveis em *sites* de busca da internet.



Durante um estudo realizado com um grupo de professores, Débora Dalmédico<sup>4</sup> (2007) procurou compreender a visão dos docentes acerca da fila. Por meio de observações e entrevistas, a pesquisadora evidenciou que a fila é um ritual pouco analisado na formação de professores e, por consequência, pouco questionada no cotidiano educacional. Por esta razão, trata-se de uma prática que vem sendo reproduzida por gerações, sem que se contestem os seus propósitos no ambiente escolar, se é que existem e são benéficos.

Desse modo, em um trecho da fala de uma professora entrevistada, foi possível evidenciar a utilização da fila com as crianças em formato de 'trem': "[...] quando você fala 'vamos formar o trenzinho' eles já vão em fila formar o trem" (DALMÉDICO, 2007, p. 31). É possível percebermos que o chamado 'trem' parece ser uma forma lúdica de encarar a fila, mas o lúdico, segundo Dalmédico, está apenas no nome.



Outra professora entrevistada argumentou utilizar a fila em diversos momentos da rotina, destacando que os alunos "[...] já estão bem acostumados. Nem precisa falar, [...] eu falo: 'Vamos pro parque' eles já entram na fila, 'vamos ensaiar' e eles já entram na fila. Eles já estão acostumados". (DALMÉDICO, 2007, p.31). Neste sentido, é possível perceber que a fila é um ritual que já faz parte do cotidiano escolar, já faz parte da ordem natural das atividades, e que por isso, muitas vezes, não há objeções sobre este assunto, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

<sup>4</sup> O estudo foi realizado por Débora Dalmédico em seu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como um dos requisitos para a obtenção do título de graduação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Emília Freitas de Lima. Para maior aprofundamento, o texto completo está disponível no endereço: <[www.pedagogia.ufscar.br/.../a-fila-como-ritual-escolar-na-visao-dos-professores](http://www.pedagogia.ufscar.br/.../a-fila-como-ritual-escolar-na-visao-dos-professores)>. Acesso em 25/08/2017.

A esse respeito, Kishimoto (1999) apresenta em seu artigo uma discussão sobre as concepções de criança e educação, e as consequências das práticas com fila, tempo de espera e falta de autonomia das crianças em instituições infantis do Município de São Paulo. Assim, descreve suas impressões ao observar os momentos de filas em uma das escolas pesquisadas, sem que a espontaneidade, que é própria das crianças, pudessem ser expressadas:

A fila parece integrar a rotina e o comportamento das crianças ao longo do período escolar: na entrada postam-se em filas, cada qual na sua turma e dirigem-se, sempre em fila para a classe. Na hora da refeição ou troca de sala novamente é a fila que permite o deslocamento para outro espaço. Após as refeições vão, novamente em fila, em duplas para o banheiro. As crianças que já terminaram ficam no final da fila esperando os outros [...]. A hora do parque também demanda, novamente, a fila para ir e para voltar. No final do dia, a hora da saída requer, mais uma vez a fila para aguardar a chegada dos pais. (KISHIMOTO, 1999, p.3-4).

A autora destaca ainda que “a rotina da escola marcada pela organização militarizada das filas mostra a necessidade de disciplinar crianças, cerceando ao longo do período escolar sua autonomia. Essa forma de organização da rotina, lembra a necessidade de produzir ‘corpos dóceis’<sup>5</sup> submissos e disciplinados [...]” (KISHIMOTO, 1999, p.4).

Um outro problema acontece quando a fila é abolida e nenhuma proposta de real organização a substitui. As crianças tendem a se sentir perdidas quanto às formas de se comportar e os professores também, por acreditarem que a fila é a única maneira de organizar as crianças nos diferentes ambientes e momentos da instituição. Assim, consideramos importante destacar algumas estratégias utilizadas nas práticas pedagógicas dos professores que compõem a equipe técnica da Gerência de Educação Infantil (GEINF), as quais contribuem para resolver esse impasse:

- Conversar com as crianças, saber ouvi-las, propor que construam combinados coletivos, explicar as consequências quando saímos desordenadamente (alguns caem, outros são empurrados e se machucam, etc.) são boas estratégias para início do diálogo;
- Possibilitar que as crianças resolvam os conflitos de forma mais autônoma, dialogando sobre as situações problemas que enfrentam diariamente, para que assim, possam gradativamente, conscientizar-se da importância de primar por uma boa convivência social, construindo os combinados conforme as necessidades do grupo;



<sup>5</sup> Corpos dóceis: expressão utilizada por Foucault (1977) e enfatizada por Kishimoto no artigo supracitado.

- Planejar as saídas da turma, observando previamente os espaços que serão ocupados, é um cuidado que o professor deve tomar. É durante esses momentos que ele poderá identificar, por exemplo, que o pátio principal está sendo lavado naquele momento e que deverá conduzir as crianças pela entrada lateral, evitando a queda das mesmas no piso molhado. Ou ainda, poderá identificar que o gramado destinado ao piquenique está cheio de formigas, necessitando levar o grupo para um espaço mais seguro.



Ao planejar os deslocamentos, o professor se sentirá mais confiante e passará essa confiança ao grupo, de modo a transitarem com tranquilidade pelos diversos espaços da instituição educativa;

- É importante ainda, que os professores combinem com os demais adultos que estão com as crianças naquele momento, sobre a forma como vão deslocar o grupo de um espaço a outro, principalmente quando se trata de bebês. Combinar quem vai levar os bebês de colo, quem vai dar a mão para aquele que está aprendendo a andar, são algumas estratégias necessárias para garantir a segurança durante os momentos de deslocamento;



- Promover encontros de estudos entre o coordenador/apoio pedagógico e os profissionais que atuam na mesma turma, para reflexão sobre o assunto e escolha de possíveis estratégias de locomoção dos pequenos. É fundamental que os adultos entrem em um consenso de como organizar essa prática com o grupo, visando a autonomia, a segurança e a construção da cidadania das crianças.

Enfim, acreditamos que estas estratégias podem contribuir de maneira significativa na organização dos deslocamentos dos pequenos, cabendo aos profissionais que atuam diretamente com as crianças, promover ações pedagógicas que garantam que a instituição educativa seja um espaço de aconchego, segurança e respeito às necessidades infantis.

Todavia, “[...] oferecer conforto, segurança física e proteger *não significa cercar* as oportunidades das crianças em explorar o ambiente e em conquistar novas habilidades [...].” (BRASIL, 1998, vol. 2, p.52, grifo nosso). Nesse viés, é importante pensar em uma educação que considere a criança como sujeito histórico, social e de direitos, capaz de construir seus conhecimentos e intervir no meio em que vive.

Assim, para finalizar as discussões, apresentamos a ilustração de Tonucci (1997), que retrata de maneira ímpar as consequências do uso descontextualizado das filas nas instituições educativas:



(TONUCCI, 1997, p.91).

Portanto, com base no diálogo exposto até aqui, acreditamos ser fundamental repensar a forma como a fila vem sendo utilizada nas práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito da Educação Infantil, propondo a reflexão e o surgimento de um olhar renovado sobre essa temática.

## **REFERÊNCIAS:**

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol.2, Brasília, 1998.
- CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DALMÉDICO. Débora Aparecida. **A fila como ritual escolar na visão de professores**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia), UFSCAR, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Salas de aula de escolas infantis: domínio da fila, tempo de espera e falta de autonomia da criança**. Revista Nuances, Vol. V, Julho de 1999.
- TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.